



## **A IMPORTÂNCIA DA "ESCREVIVÊNCIA" DE CONCEIÇÃO EVARISTO COMO VOZ DA ANCESTRALIDADE NA LITERATURA BRASILEIRA**

### **RESUMO**

O artigo tem como objetivo refletir o termo “escrevivência” criado pela autora Conceição Evaristo, em relação às produções literárias brasileiras que atravessaram décadas sendo escritas e publicadas por autores do gênero masculino, e que por sua vez, escreve para outros homens, deixam no esquecimento a existência e vivência da mulher negra na história brasileira. No debate sobre resistência, ancestralidade na história brasileira, o artigo buscou trazer os contrapontos e controversas na obra de Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala* (1933), trazendo também para esse diálogo os autores Sérgio Buarque de Holanda; Florestan Fernandes; Lélia Gonzalez e Conceição Evaristo. Para as considerações finais, afirma-se que Conceição Evaristo coloca em pauta o resgate das memórias como ferramenta de visibilizar a identidade da mulher negra, criando um espaço na escrita e na literatura sobre a importância de escrever as vivências e de se compreender a ancestralidade que não está somente no individual, mas sim, no coletivo da formação brasileira.

Palavras-chave: História brasileira. Vivências. Mulheres negras. Conceição Evaristo. Ancestralidade.

### **ABSTRACT**

This article aims to reflect on the term "escrevivência" (a term coined by the author Conceição Evaristo) in relation to Brazilian literary productions that, over decades, have been written and published by male authors, and which, in turn, write for other men, leaving the existence and experiences of Black women in Brazilian history forgotten. In the debate on resistance and ancestry in Brazilian history, the article sought to present the counterpoints and controversies in Gilberto Freyre's work, *\*Casa Grande e Senzala\** (1933), also bringing into this dialogue the authors Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes, Lélia Gonzalez, and Conceição

Revista Resistência Litoral (Matinhos PR), v. 1 n. 5 (2025) . ISSN: 2764-3174 DOI: 10.5380/rrl.v1i5

Direitos Autorais:[https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



Evaristo. In conclusion, it is affirmed that Conceição Evaristo highlights the recovery of memories as a tool to make the identity of Black women visible, creating a space in writing and literature about the importance of writing about lived experiences and understanding ancestry that is not only individual but also collective in the formation of Brazil.

Keywords: Brazilian history. Experiences. Black women. Conceição Evaristo. Ancestry.

## RESUMEN

Este artículo busca reflexionar sobre el término "escrevivência" (acuñado por la autora Conceição Evaristo) en relación con las producciones literarias brasileñas que, durante décadas, han sido escritas y publicadas por autores masculinos, quienes, a su vez, escriben para otros hombres, olvidando la existencia y las experiencias de las mujeres negras en la historia brasileña. En el debate sobre la resistencia y la ascendencia en la historia brasileña, el artículo buscó presentar los contrapuntos y las controversias en la obra de Gilberto Freyre, \*Casa Grande e Senzala\* (1933), incluyendo también en este diálogo a los autores Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes, Lélia Gonzalez y Conceição Evaristo. En conclusión, se afirma que Conceição Evaristo destaca la recuperación de la memoria como herramienta para visibilizar la identidad de las mujeres negras, creando un espacio en la escritura y la literatura sobre la importancia de escribir sobre las experiencias vividas y comprender la ascendencia, no solo individual sino también colectiva, en la formación de Brasil.

Palabras clave: Historia brasileña. Experiencias. Mujeres negras. Concepción Evaristo. Ascendencia.

## 1. INTRODUÇÃO

A literatura brasileira em sua trajetória histórica, frequentemente marginalizou as vozes de mulheres, especialmente as de mulheres negras. No contexto de uma sociedade profundamente marcada pelo racismo estrutural e pela herança patriarcal e escravagista, cujas histórias foram e até hoje são sistematicamente apagadas, e/ou distorcidas, suas vozes silenciadas de forma sistêmica, assim como nas produções literárias, frequentemente são subordinadas as narrativas de opressão e subalternidade.

Conceição Evaristo, uma das principais escritoras e pesquisadora do movimento pós-modernista da atualidade, com o conceito de "escrevivência", que é a junção de vida e escrita,



sendo uma forma de as mulheres negras resgatarem suas histórias e identidade, surge como uma resposta a esse silenciamento, oferecendo uma “luz” e uma reinterpretação profunda da experiência das mulheres negras no Brasil. Este artigo, propõe explorar essa importância da "escrevivência" de Evaristo como uma forma de resistência há ancestralidade, contrapondo-a ao contexto das reflexões sobre a formação social brasileira presentes em *Casa-Grande e Senzala* (1933), de Gilberto Freyre.

Utilizou-se no aporte teórico os autores Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes, Lélia Gonzalez e da própria Evaristo, que conversam e trazem a trajetória da formação cultural e social brasileira em suas produções. Propondo uma análise crítica como a literatura de Evaristo contribuiu para a reflexão deste trabalho, e, contribui para uma reinterpretação da história do Brasil, recriando a memória e a narrativa da ancestralidade negra feminina.

## **2. A "ESCREVIVÊNCIA" DE CONCEIÇÃO EVARISTO PARA O RECONHECIMENTO DA ANCESTRALIDADE**

O conceito de "escrevivência", desenvolvido por Conceição Evaristo é central para a compreensão de sua obra e de sua proposta estética e política, em oposição a essa narrativa dominada por vozes masculinas e eurocêtricas. O termo une vivência e escrita, apontando para a forma como a experiência cotidiana das mulheres negras se transforma em narrativa literária: suas particularidades como mulher e como mulher negra, lutas diárias, suas ancestralidades.

Pensar a Escrevivência como um fenômeno diaspórico e universal, primeiramente me incita a voltar a uma imagem que está no núcleo do termo. Na essência do termo, não como grafia ou como som, mas, como sentido gerador, como uma cadeia de sentidos na qual o termo se fundamenta e inicia a sua dinâmica. A imagem fundante do termo é a figura da Mãe Preta, aquela que vivia a sua condição de escravizada dentro 30 Conceição Evaristo da casa-grande. (Evaristo, et al, 2020, p. 29-30)

Evaristo, revive em sua escrita a resistência contra ao apagamento das memórias coletivas e traz à margem a historiografia de resistência e vivências. Nas suas principais obras é abordado temas como a violência racial, o sofrimento das mulheres negras, a herança da



escravidão, mas também, a força de suas ancestrais e a resistência que se perpetua através das gerações. Ela retrata as mulheres negras como figuras complexas e profundas, cujas histórias de luta e sobrevivência não são apenas passivas, mas ativas.

Gonzalez (1984, p.226) explica a importância do resgate da memória:

A gente tá falando das noções de consciência e de memória. Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não-saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que a memória inclui.

Por isso, Conceição Evaristo, realiza um resgate da ancestralidade negra, rompendo com as distorções da história dessas mulheres. Em sua escrita, ela convoca as vozes ancestrais, as experiências de resistência e celebração, reescrevendo uma narrativa que resgata não só o sofrimento, mas também a força e a resistência das mulheres negras. Assim, Conceição propõe uma reinterpretação da história brasileira, onde as vozes femininas negras ganham espaço e reconhecimento.

## **2.1. O Silenciamento das Mulheres Negras em *Casa-Grande e Senzala* de Gilberto Freyre (1933)**

Em *Casa-Grande e Senzala*, Freyre (1933), apresenta uma ótica de análise da formação da sociedade brasileira, com foco nas relações entre senhores e escravizados, uma relação de poder no contexto colonial. Porém, sua escrita segue uma perspectiva androcêntrica e eurocêntrica, deixando praticamente de lado a perspectiva das vivências das mulheres negras da época, negligenciando e inviabilizando suas contribuições históricas. Na obra, destaca-se não-mulheres, mas sim, objetos de desejo, de reprodução das forças de trabalho, marginalizadas e passivas aos dominantes.

Essa é marginalização que persiste nos dias de hoje em relação aos corpos negros, em particularmente emblemática a forma como a historiografia e a literatura brasileira tradicionalmente tratam as experiências das mulheres negras: elas são subalternizadas,



reduzidas à sua relação com o homem branco e ao seu papel na construção do espaço doméstico, como observa Florestan Fernandes em suas análises do racismo estrutural no Brasil.

A objetificação do corpo da mulher negra é carregada desde o colonialismo como uma marca na contemporaneidade, muitos se falam da beleza da mulher negra, porém, não se discute as consequências dessa objetificação histórica, a mulher que é desejada, mas que não é amada, a solidão e as multifacetadas das suas vivências.

Evaristo (2009, p. 18) afirma que:

Tendo sido o corpo negro, durante séculos, violado em sua integridade física, interdito em seu espaço individual e coletivo pelo sistema escravocrata do passado e, ainda hoje, pelos modos de relações raciais que vigoram em nossa sociedade, coube aos brasileiros, descendentes de africanos, inventarem formas de resistência que marcaram profundamente a nação brasileira.

Fernandes (1965), destaca como a escravidão e o patriarcado contribuíram para a subordinação das mulheres negras, relegando-as a um lugar de opressão e invisibilidade, ele descreve o racismo estrutural como fruto das organizações das relações de poder desde o período colonial e como ele continua a se manifestar nas instituições modernas. Nesse contexto, as mulheres negras são duplamente oprimidas e reduzidas a estereótipos: pelo racismo e pelo patriarcado. As suas vozes e narrativas são, então, sistematicamente apagadas, conforme o modelo de invisibilidade social e literária que Freyre, embora consciente de muitas dinâmicas sociais, reproduz ao não dar a devida atenção a essas vozes.

## **2.2. A ancestralidade na obra de Evaristo: reinterpretação da história brasileira e os diálogos com Freyre, Fernandes e Buarque de Holanda**

O conceito de ancestralidade é central no pensamento de Conceição Evaristo, não é apenas um legado de sofrimento e opressão, mas também de luta e sobrevivência. A autora propõe uma revisão da história brasileira a partir do resgate das vozes que foram apagadas, histórias individuais, mas também convoca a memória coletiva de um povo marcado pela escravidão e pela exclusão, para ela "A ancestralidade é o que nos faz reconhecer as nossas origens e nos situar no mundo" (Evaristo, 2003, p. 45).





Em diálogo com os estudos de Florestan Fernandes, que, em *A Integração do Negro na Sociedade de Classes* (1965), destaca a necessidade de reconhecimento das raízes africanas e a valorização na construção da identidade brasileira. Fernandes sugere que, ao integrar os negros como cidadãos plenos, o Brasil precisaria não apenas reconhecer as contribuições afro-brasileiras à cultura nacional, mas também revisar as suas estruturas sociais para superar a discriminação racial. Evaristo vê a ancestralidade como um campo de resistência e para ela, a memória das mulheres negras é um espaço de luta e afirmação, a verdadeira herança da resistência e da construção de identidade e enfrentamentos das desigualdades estruturais que perpetuam nessa sociedade.

Sérgio Buarque de Holanda, em sua obra *Raízes do Brasil* (1936), também fala sobre o processo de formação da sociedade brasileira, discutindo a formação do Brasil. Enfatiza-se que foi marcada por uma construção social que desconsidera a contribuição dos povos africanos e suas descendências, destacando como a memória do passado é moldada pelas elites e suas relações de poder e como, muitas vezes, as vozes subalternas são apagadas. Em sua análise aponta para a criação de uma "cultura brasileira" em que os traços africanos são mascarados ou minimizados, uma realidade que também exclui as mulheres negras da narrativa histórica e cultural. Assim, a obra de Evaristo vem desafiando essas construções e oferecendo uma nova interpretação, que coloca as mulheres negras no centro da formação da sociedade brasileira.

No entanto, enquanto Fernandes e Holanda observam a formação da identidade nacional a partir de uma perspectiva que, em alguns momentos, minimiza as contribuições afro-brasileiras, Evaristo vai além, propondo uma história que inclui as mulheres negras como protagonistas dessa construção. O Brasil, segundo Evaristo, não pode ser entendido sem levar em consideração o legado de resistência e os saberes trazidos pela ancestralidade africana, que são frequentemente desconsiderados pelas análises tradicionais.

A literatura brasileira é repleta de escritores afro-brasileiros que, no entanto, por vários motivos, permanecem desconhecidos, inclusive nos compêndios escolares. Muitos pesquisadores e críticos literários negam ou ignoram a existência de uma literatura afro-brasileira. (Evaristo, 2009, p. 27)

Nesse sentido, a "escrevivência" de Conceição Evaristo se torna um processo de



afirmação da identidade ancestral, um movimento de reapropriação da memória e da cultura africanas, muitas vezes negadas pela narrativa que nos foi inserida como a “principal” e “oficial”. Essa busca pela ancestralidade se opõe diretamente ao modelo de identidade construído por Gilberto Freyre em *Casa-Grande e Senzala* (1933), onde a miscigenação é vista como um processo de "harmonia" entre as raças, sem reconhecer as profundas cicatrizes de opressão e resistência deixadas pela escravidão, especialmente para as mulheres negras. Freyre, ao negar ou reduzir as dimensões do sofrimento e da resistência negra, perpetua a invisibilidade da experiência feminina negra, algo que Evaristo vem confrontando com suas obras.

### **2.3. A atualidade da "escrevivência" de Evaristo na resistência e afirmação de identidade**

Conceição Evaristo se apresenta como uma poderosa reconfiguração do campo literário brasileiro dos novos intelectuais da atualidade, tornando-se ferramenta em seu caráter de resistência e afirmação de identidade, resgata o passado, mas também responde a questões contemporâneas de gênero, raça e classe, traz um diálogo com as questões sociais e políticas do passado e presente propondo uma reinterpretação do Brasil e de sua formação social. As mulheres negras, que se entrelaçam com a marginalização social, encontram na escrita de Evaristo uma forma de reapropriação de sua narrativa.

Ao dar visibilidade a essas histórias, como no poema “Vozes-mulheres”, Evaristo oferece um ponto de inflexão, onde o silêncio imposto pela sociedade é rompido e as mulheres negras se tornam protagonistas de sua própria história. A escrita literária de Conceição, ao trabalhar com a "escrevivência", dialoga com os debates sobre o racismo estrutural e a exclusão social, oferecendo uma alternativa às vozes silenciadas.

Nossa escrevivência traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana. Uma condição particularizada que me conduz a uma experiência de nacionalidade diferenciada (Evaristo, et al, 2020, p. 31)

Não apenas resgata a ancestralidade das mulheres negras, mas também coloca em pauta



uma reflexão crítica sobre as estruturas de poder que ainda tentam silenciar essas vozes. Sua obra se configura como um campo de resistência e afirmação da identidade negra feminina, trazendo à tona as lutas, as dores e as vitórias dessas mulheres que, historicamente, foram silenciadas nas páginas da história oficial.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do diálogo que foi estabelecido, contextualizando os cenários presentes na obra de Gilberto Freyre, Florestan Fernandes e Sérgio Buarque de Holanda, podemos observar que as histórias, a ancestralidade e as narrativas de mulheres retintas foram invalidadas ao longo de várias décadas. A marginalização, estereótipo do corpo da mulher negra, sua mão de obra e participação direta na construção da sociedade brasileira que conhecemos hoje foram registrados como algo banal na narrativa de *Casa-Grande e Senzala*.

Dialogando com os autores Florestan Fernandes e Sérgio Buarque de Holanda, percebemos que a formação brasileira, vai além da integração dos negros dentro da sociedade, uma vez que, escrevem de forma a minimizar os impactos desse movimento de “liberdade” sobre as condições de vida que a população negra foi inserida. Em seus poemas e narrativas, Conceição Evaristo reafirma a identidade e memória das verdadeiras Raízes brasileiras, para Evaristo a escrevivência tem um sentido gerador, mas também que dá voz às mulheres negras:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos”. (Evaristo, et. al, 2020, p. 30)

Conceição Evaristo abre um espaço na sua forma de escrita de forma muito acolhedora e única, em sua narrativa busca não falar pelos sujeitos, e sim, criar um ambiente de





comunidade, reconhecimento de si e do outro, uma característica que não é absorvida das obras históricas que relatam o povo negro, justamente por conta da esquematização colonialista de colocar no esquecimento as minorias étnicas que fizeram parte do que hoje chamamos de Brasil.

Por isso, ao ponderarmos sobre o termo “escrevivência” de Conceição Evaristo, permitimos nos questionar as “narrativas oficiais” presentes na literatura e história brasileira escrita por homens e para os homens, reavivando a história, a trajetória e a resistência dessas mulheres subalternizadas, resgatando também suas vozes, suas ancestralidades e destacando existência e resistência dentro de um cenário brasileiro colonial e patriarcal. Através de sua escrita, Evaristo coloca em pauta o resgate das memórias que tentaram apagar, trazendo de volta o passado como ferramenta de visibilizar a identidade da mulher negra, criando um espaço na escrita e na literatura sobre a importância de escrever as vivências e de se compreender a ancestralidade que não está no individual, mas sim, no coletivo da formação brasileira.



#### 4. REFERÊNCIAS

ARRUDA, Aline Alves. **Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo: um Bildungsroman feminino e negro**. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-76RF2H>>. Acesso em: 12 fev. 2025.

EVARISTO, Conceição. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. **Escrevivência: a escrita de nós – reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Itaú Social. São Paulo/Rio de Janeiro, Itaú Social/Mina, 2020. Disponível em: <<https://www.itausocial.org.br/wp-content/uploads/2021/04/Escrevivencia-A-Escrita-de-Nos-Conceicao-Evaristo.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2024.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Editora Nós, 2006.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta, PUC Minas, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4365>>. Acesso em: 25 nov. 2024.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do Negro na Sociedade de Classes**. São Paulo: Editora Globo, 1965.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1933.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1936.

NERY, Leticia. **História de acordar casa-grande: a ancestralidade e a metapoesia de Conceição Evaristo**. Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea, Rio de Janeiro, jun. 2021. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/flbc/article/view/42427>>. Acesso em: 25 nov. 2024.

Revista Resistência Litoral (Matinhos PR), v. 1 n. 5 (2025) . ISSN: 2764-3174 DOI: 10.5380/rrl.v1i5  
Direitos Autorais: [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. "**Escrevivência**" em *Becos da Memória, de Conceição Evaristo*. Revista Estudos Feministas. Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ref/a/X8t3QSJM5dMTjPTMJhLtwgc/?lang=pt>>. Acesso em: 25 nov.

2024.

Revista Resistência Litoral (Matinhos PR), v. 1 n. 5 (2025) . ISSN: 2764-3174 DOI: 10.5380/rrl.v1i5

Direitos Autorais:[https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)